

# O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: A INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA

Michelle Mélo Gurjão Roldão<sup>1</sup>  
Rauanne Thais Barbosa Ferreira de Lima<sup>2</sup>  
Rossana Regina Guimarães Ramos Henz<sup>3</sup>

## RESUMO

A comunicação humana possui a escrita e a oralidade como duas modalidades fundamentais as quais possibilitam ao homem se comunicar, expressar ideias, sentimentos e realizar registros dos acontecimentos. Essas duas modalidades estão intrinsecamente relacionadas, todavia, deve-se compreender que a linguagem escrita é distinta das produções verbais. Entretanto, durante a aquisição da escrita, a criança pode apresentar influência da fala em sua escrita. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo foi analisar a interferência da oralidade na escrita durante a aquisição da linguagem escrita. Para isso, optamos, como método, pela pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, tendo como critério seletivo artigos publicados na base eletrônica de dados Google Acadêmico e Scielo, referentes às marcas de oralidade presentes na escrita de crianças em processo de aquisição da linguagem escrita, por isso usamos como alicerce teórico, autores como: Castilho (2010), Capistrano (2007), Marcuschi (2010), Petter (2011), Bagno (2013), Fayol (2014), entre outros. Os resultados revelam que existe uma relação entre a fala e a escrita, como também divergências, entretanto, uma não pode ser considerada superior a

- 1 Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, [michelle.2021800104@unicap.br](mailto:michelle.2021800104@unicap.br) ;
- 2 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, [rauanne.2021600168@unicap.br](mailto:rauanne.2021600168@unicap.br) ;
- 3 Doutora em Língua Portuguesa (PUC-SP), professora da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), [rossana.henz@unicap.br](mailto:rossana.henz@unicap.br) .

outra. Desta forma, os alunos devem ser estimulados ao uso das duas modalidades e o professor deve conduzir suas atividades com práticas pedagógicas que estimulem a percepção e distinção entre a linguagem oral e a escrita.

**Palavras-chave:** Aquisição da escrita, Marcas da Oralidade, Oralidade, Escrita.

## INTRODUÇÃO

A linguagem é um fenômeno humano, considerada uma ferramenta complexa e capaz de transformar a comunicação do homem por meio da estruturação dos seus pensamentos, da compreensão de ideias concretas ou abstratas, do registro dos acontecimentos, permitindo a comunicação com outros homens e está intrinsecamente relacionada com as práticas sociais (CARNEIRO, 2005).

Assim, ela é considerada ampla, cheia de mistério, nova e ao mesmo tempo antiga. De acordo com Longo (2006): “A linguagem tem uma existência dinâmica...”, e podemos perceber essa mudança quando comparamos nossa língua e suas modificações em diferentes épocas. A língua é um componente vivo e dinâmico, multifacetado e as suas transformações são inerentes ao processo de desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo. Corroborando com a explanação anterior, Faraco (2006) sinaliza que,

Um exemplo clássico da história do português é a criação de um novo pronome pessoal (*você*) a partir de uma expressão lexical plena (*Vossa Mercê*). Nesse exemplo, são observáveis as etapas que, segundo as discussões em andamento do processo de gramaticalização, incluem a *descoloração semântica* (a expressão perde seu significado lexical original e adquire novo significado e função gramatical) e a *redução fonética* (se *você* é já resultado dessa redução, o processo claramente não se interrompeu aí, considerando que é comum na fala espontânea brasileira a forma *cê*. (Ramos, 1997 APUD Faraco, 2006, p.39).

As palavras sofrem modificações com o passar do tempo, nossa língua está sempre sofrendo mutação, como se percebe na composição do pronome citado acima. Essa mudança é constante, contínua, acontece de uma forma que não percebemos pelo fato de ser lenta e discreta e que em alguns casos são restritas a determinado contexto e aos poucos permite um espraiamento do seu uso. Mas quando paramos para melhor compreendê-la e estudá-la perceberemos todas essas transformações.

Neste sentido, Zorzi (2008) pontua que a aquisição da linguagem representa mais do que questões referentes à ação de falar e escrever, compreendida por meio de um interlocutor ativo nas diferentes relações sociais, comunicando sobre suas ideias, registrando acontecimentos, permitindo a comunicação com outros interlocutores, estruturando seu pensamento, dentre outras funções.

Através dessa dinâmica os processos de linguagem ocorrem com suas transformações e características.

Diante da descrição realizada, o autor pontua também a diferença da aquisição da linguagem oral da escrita, onde a primeira é caracterizada como um aspecto universal do ser humano que permite a distinção das outras espécies, representando um processo genético que possibilita ao homem adquirir também uma língua em um determinado tempo de vida. Entretanto, distintivamente a aquisição da linguagem escrita não é uma herança biológica, mas representa um traço cultural de cada sociedade.

Desta forma, o processo de apropriação da escrita é mais extenso implicando os atos de pensar e planejar, diferente da fala que não dispõe de um longo tempo de planejamento como ocorre na escrita, sendo necessária em alguns momentos a repetição de itens lexicais para facilitar a compreensão do interlocutor (ANDRADE; LIMA, 2011).

Nesse contexto, a aprendizagem da leitura e da escrita estão relacionados à compreensão do mundo e dos objetos que as cercam. Segundo Koch (2005), as hipóteses iniciais de texto que a criança tem em mente representam uma extensão da fala e esse processo ocorre durante a aquisição da escrita. Entretanto, Abaurre (1999) sinaliza que a criança não escreve como fala de forma intencional, ou seja, ela o faz de maneira espontânea.

Nesse sentido, os docentes não devem considerar a interferência da oralidade como uma deficiência na escrita de seus alunos, mas como um processo natural que ao longo dos estudos irão compreender a distinção entre fala e a escrita, entre fonema e o grafema.

Diante do exposto, o presente estudo, que possui uma abordagem qualitativa (TRINIÑOS, 2008) de cunho bibliográfico, apresenta como objetivo principal analisar, nas diversas pesquisas, a interferência da oralidade na escrita durante a aquisição da linguagem escrita, e para este trabalho, contamos com a seleção de artigos publicados nas bases eletrônicas de dados: Google acadêmico e Scielo. Para realizar a busca foram combinados os descritores fonoterapia, aquisição da escrita, marcas da oralidade, crianças típicas e dificuldades, e desta forma, foram selecionados os artigos relacionados ao objetivo deste estudo. O embasamento teórico está entre Castilho (2000), Capistrano (2007), Marcuschi (2010), Petter (2011), Bagno (2013), Fayol (2014), entre outros.

Para o desenvolvimento desta pesquisa iremos discutir algumas questões referentes às teorias da aquisição da linguagem, a relação entre linguagem oral e linguagem escrita, as marcas da oralidade na escrita e por fim, expor nossas análises críticas-reflexivas e considerações finais.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo possui uma abordagem qualitativa (TRINIÑOS, 2008) de cunho bibliográfico.

Para realização da pesquisa contamos com a seleção de artigos publicados nas bases eletrônicas de dados: Google acadêmico e Scielo. Para realizar a busca foram combinados os descritores fonoterapia, aquisição da escrita, marcas da oralidade, crianças típicas e dificuldades, e desta forma, foram selecionados os artigos relacionados ao objetivo deste estudo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **3.1 TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

De acordo com Palladino (2004) existem algumas teorias que embasam a compreensão da aquisição da linguagem. Desta forma, as principais teorias podem ser definidas como: a empirista, representada por Skinner, sob a ótica de que a linguagem ocorre por meio de respostas a uma série de estímulos e que necessita também de condições universais (maturação e perfeição biológica, desenvolvimento psicológico e estimulação ambiental) e a tradição racionalista, representada pela visão inatista de Chomsky, a qual afirma que a aquisição da linguagem é inata, ou seja, o ser humano é dotado de uma faculdade da linguagem, desta forma, a criança é capaz de enunciar palavras e sentenças que não consta em seu input linguístico. Essa teoria também afirma que existem estágios de aquisição, que são o período pré-linguístico (balbucios) e o período linguístico, que apresenta estágio de uma palavra, estágio de duas palavras e o estágio das múltiplas combinações.

Outra teoria que podemos destacar é a tradição dialética, que rejeita a ideia de aquisição, defendendo o conceito de construção, desta forma, segundo Piaget, a criança constrói estruturas com base na experiência com o mundo físico, ao interagir e ao reagir biologicamente a ele no momento dessa interação e assim adquire e desenvolve a linguagem. Participam também dessa corrente teórica, Wallon e Vygotsky, com perspectivas distintas entre si com relação à aquisição da linguagem.

De acordo com Finger e Quadros (2008), existem algumas teorias de aquisição da linguagem no qual podemos citar o Behaviorismo, também conhecido por comportamentalismo e seu principal fundador é John B. Watson que influenciou Skinner para o Behaviorismo Radical, no qual o conhecimento é produto da interação do organismo com o meio, mas isso é realizado a partir do

condicionamento estímulo – resposta – reforço. Nele a língua é vista como um comportamento que pode ser aprendido por meio da imitação.

Por fim, o interacionismo que apresenta esse termo para nomear propostas que incluam o outro, o outro-falante e o outro-social, sendo sinônimo de comunicação, assumindo compromisso com a fala da criança. Essa corrente teórica é defendida por vários autores entre eles, Cláudia de Lemos. De acordo com a autora, existem processos dialógicos denominados de especularidade, complementaridade e reciprocidade.

Como é possível perceber, existe uma grande variedade de tradições e teorias para explicar a aquisição da linguagem, sendo assim o ideal é poder compreender quais são elas e o que defendem, assim podemos nos tornar críticos elegendo qual compete melhor para nos dedicarmos no nosso cotidiano e para a especificidade de cada criança em processo de aquisição, sabendo que a linguagem não é tão simples quanto parece.

Portanto, a linguagem pode ser considerada um sistema de comunicação, e apresenta dimensões de forma, conteúdo e uso, englobando vários aspectos que também precisam ser compreendidos e analisados, como os níveis linguísticos que são a fonologia, a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

O nível fonológico, segundo Watson (1991 apud Farrell, 2008) se refere aos aspectos da linguagem, conhecimentos e comportamentos relacionados ao som, ou seja, é o estudo dos fonemas, como cada um se organiza para assim formar palavras. Quando as crianças apresentam dificuldades na fonologia, geralmente utilizam estratégias trocas fonêmicas no lugar do segmento e/ou da estrutura silábica que ainda não conhecem ou cuja produção não dominam. Já a Fonética é o estudo da articulação do fonema, relacionado à habilidade motora e coordenação correta dos órgãos fonoarticulatórios para produzir os sons da fala. (Thompson, 2003 apud Farrell, 2008).

O nível morfológico se refere à estrutura gramatical, classificação e formação das palavras (exemplo: gato/gatos). O nível sintático se refere às regras para transformar palavras em frases, ou seja, algumas crianças não conseguem desenvolver longas sequências de palavras, não sabendo diferenciar o papel gramatical das palavras, como a diferença de substantivo e verbo. Com relação ao nível semântico, pode ser definido como o estudo do conceito e do significado das palavras, compreendendo também que algumas palavras podem transmitir o mesmo significado ou que a mesma palavra pode apresentar significados diferentes. E por fim a Pragmática que se refere ao uso social da linguagem, a forma que a usamos de acordo com cada contexto.

### 3.2- RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA

A linguagem oral e a escrita estão intrinsecamente relacionadas e representam um processo extremamente importante na nossa sociedade permitindo ao homem realizar interações, organizar os pensamentos e construir conhecimento, sempre considerando o contexto social e cultural, onde as duas modalidades podem sofrer modificações ao longo do tempo. Todavia, deve-se compreender que a linguagem escrita é distinta das produções verbais.

Esta oposição ocorre devido ao grau de monitoramento e sobre as condições de ativação da linguagem, como cita Fayol (2014), no que se refere a interatividade, as características físicas das situações e os traços especificamente linguísticos destas.

Com relação às interações, o autor pontua que na oralidade ocorre esta relação de forma dinâmica, porém a escrita é comparada a um monólogo mesmo em algumas situações como as trocas de mensagens em ritmos que se aproximam de um diálogo oral. Assim, Fayol (2014) reitera a relevância das interações:

A interatividade permite ao emissor regular sua mensagem, ajustar sua forma e seu conteúdo em função das relações imediatas do interlocutor (feedback). Estas reações indicam, conforme as condições (verbais ao telefone e visuais - gestos, mímicas - na interação direta), se o destinatário compreendeu a mensagem, se está interessado e se deseja intervir. O emissor pode então modificar sua fala. Neste sentido, toda produção oral é uma coprodução. Em contraste, na produção verbal, o autor da mensagem geralmente não dispõe de informações de retorno da parte do destinatário. Mesmo nas situações mais próximas da interatividade (o correio eletrônico), transcorre um intervalo entre as trilhas emitidas e as reações que elas suscitam (FAYOL, 2014, p. 21).

Com relação às características próprias da fala e da escrita é notória que as produções escritas exigem uma maior atenção, tempo em sua elaboração, memória e conhecimento do tema do que em relação a atos de fala. Segundo Horowitz e Berkowitz (1964), os adultos produzem durante a fala em média de 150 a 200 palavras por minuto enquanto a produção manuscrita é de 5 a 8 vezes mais lenta, pois para emitir uma mensagem escrita é necessário transformar de forma rápida e eficiente sequências de grafemas armazenados na memória temporária em movimentos que permitam produzir sequências de letras ordenadas.

No tocante às características linguísticas, é perceptível que “a fala se dá como um fluxo no qual se depreendem enunciados associados a curvas entoacionais e separados por pausas” (Blanche-Benveniste e Jeanjean, 1987 apud Fayol, 2014, p 23). Entretanto, os linguistas que desenvolvem trabalhos com a oralidade não apresentam o mesmo ponto de vista em relação quais seriam as unidades constitutivas durante a fala. Desta forma, as palavras ou sintagmas são identificados como possíveis componentes dos enunciados.

Em relação a escrita, Fayol (2014) pontua que as unidades gráficas são mais evidentes e sua estrutura é visualmente clara, como por exemplo na frase onde se inicia a primeira palavra com a letra maiúscula e no final tem um ponto delimitando o encerramento daquela estrutura.

Outro ponto referente à escrita, sobre as características linguísticas, seria o domínio das escolhas e distribuições lexicais por parte do escritor, considerado relevante durante a elaboração de textos técnicos ou didáticos e proporcionando adaptações a públicos diversificados.

Ainda diante das diferenças acerca das duas modalidades, Tannen (1983) discorre de forma sumária que o contexto é primordial para o desenvolvimento da linguagem oral enquanto que para a linguagem escrita poderá ser desconstruída. Contrapondo-se Kato (1987) afirma que:

O que determina as diferenças entre as modalidades oral e escrita são as diferentes condições de produção, que refletem uma maior ou menor dependência do contexto, um maior ou menor grau de planejamento e uma maior ou menor submissão às regras gramaticais. A dependência contextual determina o grau de explicitação textual, isto é, o seu grau de autonomia. O grau de planejamento determina o nível de formalidade, que pode ir do menos tenso (casual ou informal) até o mais tenso (formal, gramaticalizado). (KATO, 1987, p. 39).

Fayol (2014), também pontua a respeito da coesão da fala que ocorre por meio de recursos paralinguísticos e não-verbais (gesto, entonação, conhecimento compartilhado, etc.) e a escrita por intermédio de elementos lexicais (conjunções, locuções conjuntivas, dêiticos, etc.) e de estruturas sintáticas complexas.

Todavia, segundo Marcuschi (2010, p. 26), é importante questionar se “as relações entre fala e escrita são uniformes, constantes e universais, ou se elas são diversificadas na história, no espaço e nas línguas”. Para o autor existem duas maneiras de tratar essas duas modalidades, onde a primeira não pode se apoiar apenas na dicotomia representada pela diferença entre a fala e a escrita, pois existem práticas sociais mediadas principalmente pela escrita e outras



por meio da tradição oral. Marcuschi (2008, p. 37), afirma que: “ As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Também sinaliza que os estudos que defendem essa percepção de dicotomia se centram no código linguísticos, influenciados pela concepção de linguagem como expressão do pensamento sem levar em consideração os usos da língua e as produções textuais.

Assim, o autor enfatiza que não se pode considerar a modalidade falada sem regras por ser espontânea, pois como na escrita, na fala também há normas a serem seguidas para que se estabeleça uma comunicação efetiva, entretanto são utilizadas ferramentas diferentes da escrita, como gestos, mímicas, entonação, dentre outros e nos textos escritos são comuns o uso de diferentes formas, cores e tamanhos para as letras, símbolos e elementos iconográficos.

Ainda de acordo com Marcuschi (2010), o segundo posicionamento se refere às diferenças e as relações entre a fala e a escrita, as quais surgem de acordo com os usos da língua, não existindo uma modalidade que seja considerada superior à outra. Corroborando com essa afirmativa Bagno (2013, p. 89) pontua que: “Existe, portanto, fala espontânea e escrita espontânea, como também existe fala formal e escrita formal”.

Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 26), considera importante enfatizar que a oralidade é uma prática social com objetivos definidos, ocorrendo em diferentes gêneros textuais através dos sons, com usos formais ou informais, enquanto que a fala é “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral”.

Diante das discussões, Bottéro *et al.* (2007), revelam que as relações entre a fala e a escrita não são explícitas, desta forma, muitos professores de língua materna não se atém a esses fatores e seus alunos transferem com uma maior frequência para a escrita as marcas próprias da fala.

Entendemos, então, a necessidade de se discutir sobre as marcas da oralidade na escrita, assim, apresentaremos logo a seguir algumas questões sobre a influência da oralidade nas produções textuais e a importância da atuação do professor durante o desenvolvimento de atividades que auxiliem uma maior percepção da diferença entre a linguagem falada da escrita.

### **3.3 – MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA**

A aquisição da linguagem oral permite a comunicação das crianças por meio da fala, do uso do corpo, gestos, olhares, apontando, dentre outros. E

após essa aquisição se dá a linguagem escrita que no seu processo inicial pode ocorrer com base na linguagem oral.

Assim, quando a criança inicia o uso da linguagem oral, é perceptível o surgimento de alterações nos níveis linguísticos, com presença de troca ou omissões de fonemas (CADERA/ CADEIRA – CÉU/CEL – AMARELO/AMALERO), como também conjugações de forma “errada” por espelhamento de outras palavras (FAZI/FIZ – VOCÊ COMEU/ EU COMEU), trocas na ordem do léxico (COMER EU QUERO), e assim essas mesmas alterações podem por consequência se fazer presentes na escrita.

Entretanto, em uma pesquisa realizada por Franchi (2012), o qual apresenta uma análise de desvios ortográficos presentes nos textos de alunos do ensino fundamental, a autora considera que esses aspectos na escrita representam hipóteses iniciais das crianças de que a escrita seria uma representação da fala, não se tratando de um erro e que essa aprendizagem da modalidade escrita diferindo da fala deve ser realizada na escola. A autora ainda acrescenta que podem ocorrer nos textos dos alunos a escrita exatamente como ocorre na fala, ou seja, ter caráter puramente fonético (por exemplo, as palavras *tambem* – também, *muinto* – muito, *esperano* - esperando) e os aspectos decorrentes de sistemas convencionais do sistema gráfico (como *bluza* – blusa, *caxorro* – cachorro), onde a criança ainda não conhece a forma que uma determinada palavra é escrita.

Nesse sentido, a criança tem uma extensa experiência com relação a eventos orais livres de padronização, nos seus primeiros anos de vida, de forma distinta e posterior irá se inserir na aprendizagem e padronização da escrita. Portanto, o professor de uma língua materna tem o papel fundamental nesse processo, proporcionando aos estudantes o contato com diversos gêneros orais e escritos e assim permitindo a percepção a respeito do uso da linguagem a cada evento de comunicação.

Outro ponto importante que deve ser destacado se refere às interferências das variações linguísticas, ou seja, situações da oralidade transferidas inconscientemente para a escrita. Coseriu (1980 apud Almeida Baronas, 2009) categoriza diferentes formas de variação linguística em seu estudo, são elas a diacrônica, quando se apresenta alterações por causa da passagem de tempo (vossa mercê); a diatópica que são as variações resultantes das características regionais (macaxeira, mandioca, aipim); a diastrática que são as variações decorrentes a diferença sociocultural dos falantes alfabetizados e analfabetos (lesão inflamatória/furúnculo) e por fim a diafásica no qual apresenta distinção entre os diversos tipos de modalidade expressiva (tu/senhor).

Um outro tipo de variação classificado por Castilho (2010), diz respeito à variação de canal, ocorre na presença ou ausência do interlocutor, onde o primeiro se refere a situação de fala e o segundo de escrita. Outro tipo de variação denominado de variação diamésica, proposta por Ilari e Basso (2006, p. 181), compreende a variação, antes de mais nada, das profundas diferenças entre a língua falada e a língua escrita. (ILARI; BASSO, 2006, p.181).

Diante das descrições e classificações dos diferentes tipos de variações linguísticas, Cagliari (1992, p. 124), aponta que “a variação linguística, característica inerente a toda e qualquer língua do mundo, pode constituir um grande problema para quem está adquirindo o sistema da escrita.” Ressalta-se ainda que o processo mais comum que ocorre na escrita desses alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala. Entretanto, para Labov (1962), a variação linguística é considerada um processo natural.

Outros resultados da interferência da oralidade na escrita se refere a questão da influência do dialeto dos estudantes em seus textos, segundo um estudo realizado por Bortoni (2005, p. 53-54), “permite a identificação dos erros, bem como a elaboração de material didático destinado a atender às áreas cruciais de incidência” e são identificados em quatro categorias: 1) Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita; 2) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado; 3) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais; 4) Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Considerando os pontos relatados referentes às marcas da oralidade na escrita, compreendemos que esses “desvios” são constantes nas produções escritas quando não ocorre o trabalho mútuo das duas modalidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do exposto, percebemos que há uma relação extremamente participativa e conjunta em ambas às partes, uma dependendo da outra, ou seja, a associação grafo-fonológica que está presente em todos os processos de escrita. Há momentos em que a linguagem oral representa de forma idêntica a ortografia e assim a criança apresenta a escrita perfeitamente, isso é a transparência entre o fonema e o grafema, em palavras mais simples (papa, lua, amora), entretanto há palavras que se faz necessário o conhecimento alfabético e escrito da língua, como na palavra cachorro, no qual é preciso ter domínio e conhecimento sobre a consciência fonológica. É interessante destacar também que as teorias dos processos de aquisição da linguagem ajudam e

interferem na aquisição da escrita e em como as crianças realizam associações com os grafemas.

A partir dos dados revelados nos artigos pesquisados, podemos perceber que a origem de algumas influências da oralidade na escrita depende de diversos fatores, colaborando com a justificativa de que a escrita pode ou não se basear na fala dependendo do contexto, pois a modalidade escrita e da fala são distintas e ao mesmo tempo se correlacionam. Se referindo a aquisição é comum acontecer a dependência, pois a criança irá se basear bastante na oralidade e assim cabe aos educadores e familiares esse olhar diferenciado para um maior apoio quando necessário.

Nesse sentido, de acordo com Cardoso (2008), novos olhares sobre os textos dos alunos devem ser realizados, uma vez que os “erros” encontrados nos textos devem ser reconhecidos por meio de outros olhares, onde a aprendizagem inicial da escrita das crianças é apoiada firmemente em sua oralidade, desta forma, essas produções não serão ortograficamente corretas, porém com o tempo o aluno passa a refletir acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética com o apoio do professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das discussões podemos inferir que apesar das diferenças entre a linguagem oral e a escrita existe uma relação interativa e complementar entre as duas modalidades, e também pode ser perceptível marcas da primeira em textos escritos, principalmente quando o estudante não tem familiaridade com a escrita e assim resultando em incorreções de diversas ordens. Esses “erros” são considerados por alguns autores como aspectos naturais advindas das primeiras hipóteses das crianças durante a aquisição da linguagem escrita, mas pode ser considerado falta de experiência com as duas modalidades acarretando em inadequações ortográficas.

Por fim, percebemos diante dos trabalhos científicos que investigam as marcas da oralidade na escrita, a busca por contribuições a respeito de explicações referentes aos textos dos alunos que são fortemente influenciados pela oralidade e desta forma auxiliar os profissionais da educação no uso e desenvolvimento de metodologias e atividades que conduzam esses alunos em uma maior percepção diante da distinção entre a linguagem oral e escrita.

Assim, esperamos contribuir diante de reflexões referentes ao ensino da língua materna, levando o docente a repensar sua prática durante o ensino e aprendizagem, especificamente no Brasil da língua portuguesa e também na

prática de correção de textos, compreendendo as reais dificuldades na escrita de seus alunos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. D.; LIMA, L. E. P. As marcas de oralidade no texto escrito (Uma análise da crônica “Minhas Férias” de Luís Fernando Veríssimo. **V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, 2011.

ABAURRE, M. B. M. **Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita**. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) Aquisição de linguagem: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.167-186.

ALMEIDA B, J. E. de. **Marcas da oralidade no texto escrito**. Signum: Est. Ling., Londrina, v.12, n.1, p. 15-32, jul. 2009.

BAGNO, Ma. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2013.

BEZERRA, L. de M. D.; BESSA, M. J. R.; OLIVEIRA, M. D. de. A influência da oralidade na aquisição da escrita de alunos do ensino fundamental de nove anos. **Ideação**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 199-214, 2013. DOI: 10.48075/ri.v14i2.6911. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/6911>. Acesso em: 14 dez. 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15, 61.

CAPISTRANO, C. C. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita**; Tradução Marcos Bagno. – 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FARRELL, M. **Estratégias Educacionais em Necessidades Especiais:** Dificuldades de comunicação e autismo. Porto Alegre: Artmed, 2008. 120 p.

FINGER I.; QUADROS, Ronice Müller de. **Teorias de aquisição da linguagem.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

FRANCHI, E. **Pedagogia da alfabetização:** da oralidade à escrita. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANCHI, E. **Pedagogia do alfabetizar letrando.** São Paulo: Cortez, 2012.

KATO, M, 1987. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira SCHERRE, C. R. C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1962].

LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PALLADINO, R.R. R. **Desenvolvimento da Linguagem.** In: FERREIRA, Léslie Piccolotto; BEFI-LOPES; D. M.; LIMONGI, S. C. O. **Tratado de Fonoaudiologia.** São Paulo: Roca, 2004, p. 762-771.

PETTER, M. **Linguagem, língua, linguística.** In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. 6ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

ZORZI, J. L. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldade de aprendizagem: dislexia e outros distúrbios.** Um manual de boas e saudáveis atitudes. Pinhais: Editora Melo, 2008.